

Aulas 10-11-12

Referências Bibliográficas

Galves, Charlotte 2001. *Ensaio sobre as gramáticas*. Campinas: Editora da UNICAMP.

Oliveira, M. S. D, Ednalvo Apóstolo Campos, Jair Francisco Cecim, João F. Lopes & Raquel A. da Silva. 2015. O português afro-indígena e a comunidade de Jurussaca, p. 149-178. In Ornelas de Avelar, Juanito; Lópes, Laura Álvares. (Org.). *Dinâmicas Afro-Latinas - Língua(s) e História(s)*. 1ed. Berlin: Peter Lang.

Torres Morais, Maria Aparecida, C. & Rosane de A. Berlink. 2007. “Eu disse pra ele” ou “disse-lhe a ele”: a expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. In Castilho, Ataliba Teixeira de; Maria Aparecida Torres de Moraes; Sonia Maria Lazzarini Cyrino; Lopes, R. E. V. (orgs.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. 61-84. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP.

Tema da Aula

- i. **O Português do Brasil e a pronominalização**
- ii. **Objetivo das aulas:** estas aulas têm por objetivo levar as turmas a uma rápida reflexão acerca da “mudança em curso” da sintaxe do português falado no Brasil (PB) se comparada ao português falado em Portugal (PE). Pretende-se um rápido cotejo sobre o sistema pronominal nas ‘peças’ das cartas do sec. XVIII e XIX – em mãos dos alunos – com os textos ‘comentados’ acerca do sistema pronominal no século atual. A ênfase do cotejo deve centrar-se nos:
(a) pronomes de 2a. pessoa do singular; (b) 3a. pessoa

i. **O Português do Brasil e a pronominalização**

- Na literatura, tem sido apontado que a sintaxe do português que se fala no Brasil (PB) vem se distanciando cada vez mais da sintaxe do português falado em Portugal, cunhada na literatura por PE.
- No entanto, é na área da pronominalização que as distinções mais claras têm sido atestadas. Um dos trabalhos clássicos sobre as distinções entre a pronominalização nas gramáticas do PB e PE se vê em Galves (2001: 13). Surgem, na mesma época, os primeiros *corpora anotados* de textos históricos em língua portuguesa no Brasil.
- Como apontado na Aula 8, os primeiros *corpora anotados* de textos históricos em língua portuguesa no Brasil é o *Corpus Anotado do Português Histórico Tycho Brahe*

a) Estudos em PB: mudança no quadro pronominal, principalmente no tocante a pronomes clíticos

- Pesquisas sobre os quadros do sistema pronominal do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE) ratificam “dois objetos bem distintos”, usando as palavras de Galves (2001: 13).
- Galves (2001) centra seu texto no cotejo da pronominalização entre essas duas ‘gramáticas’ – PB e PE – que resulta de sua pesquisa de 15 anos (1983-1997).
- Uma das diferenças apontadas no sistema pronominal do PB, se comparado ao PE, reside na sintaxe dos clíticos. Galves (2001: capítulos 7, 8) e outros autores reforçam a tese, por exemplo, de que o pronome clítico de terceira pessoa acusativo **o/a** não é mais produzido pela ‘gramática’ do português brasileiro.

b) Resumindo: o que é um clítico?

- Nesta “subseção, antes de ‘avancarmos’ com alguns esclarecimentos sobre a pronominalização (*cliticização* no PB “pós século XIX”), apresentamos uma rápida resenha sobre o elemento morfossintático “clítico”.
- Trask (1993: 46, traduzido)¹ nos oferece uma clara definição de clítico:
[...] é um item que exhibe comportamento intermediário entre aquele de uma palavra e aquele de um afixo. Tipicamente, um clítico tem a forma fonológica de uma palavra separada, mas não pode ser acentuado; é obrigado a ocupar uma posição particular na sentença onde se encontra fonologicamente ligado a uma palavra, chamada de ‘hospedeira’. [...]
- Abaixo, em (1)-(3), atestam-se exemplos de pronomes clíticos em PB, reduzindo-se à 1a. e 2a. pessoas do singular ‘me’ e ‘te’/posição proclítica²

(1) Ele **me** viu no mercado ontem

(2) Eu **te** ajudo a terminar logo com isso

¹ TRASK, R. L. 1993. *A Dictionary of grammatical terms in linguistics*. London: Routledge.

² Dados de: Oliveira, Baio & Injai (2013: 134); a sigla foi modificada de PP (Português de Portugal) para PE. Oliveira, Marcia Santos Duarte, João Paulo Baio & Basílio Félix Injai 2013. A Inserção do ‘contínuo português guineense’ nas variedades africanas de português. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*. 130-137 São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 15.

(3)a Eu vi-**o** na rua (PE)³

b Eu **o** vi na rua (PB)

- Câmara Jr., Mattoso (1972: 60)⁴ relacionou os clíticos às formas ‘dependentes’, propondo, portanto, essa terceira ‘divisão’ classificatória aos elementos formadores de palavras:⁵

Conceitua-se assim uma forma que não é livre, porque não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente; mas também não é presa, porque é suscetível de duas possibilidades para se disjuntir da forma livre a que se acha ligada [...].

Ex. casa **de** alvenaria

- As línguas românicas demonstram alguns dos mais estudados exemplos de clíticos encontrados na literatura. Abaixo, observam-se dados em *francês*:⁶

(4)a. Il **me les** a donné
ele me os ter dar

“Eles os têm dado para mim”

a'. **me** ⇔ **les** ⇔ PALAVRA HOSPEDEIRA [DONNER]

b. Donnez-**les** -**moi**
dar- os mim

“Entregue-os para mim (dê estas coisas para mim)”

b'. PALAVRA HOSPEDEIRA [DONNER] ⇔ **les** ⇔ **moi**

em que os “pronomes objeto” são clíticos que se encontram ligados antes ou depois do verbo, chamados de ‘proclíticos’ (4a) e ‘enclíticos’ (4b) respectivamente. Chamamos a atenção para o fato de que, linguisticamente, não é possível se atestar ‘mesóclise’, pois um clítico não pode ocorrer no meio de uma raiz – essa é uma característica de um afixo – uma forma presa. Sobre ‘mesóclise’ – uma análise do clítico na tradição da gramática tradicional – veja o excerto a seguir.

³ Oliveira, Baio & Injai (2013: 134, dado (3), renumerado).

⁴ CÂMARA JR., M. 1972. *Estrutura da língua portuguesa*. 3ed. Petrópolis: Editora Vozes.

⁵ Na Linguística estruturalista se falava em **formas presas e livres** como, por exemplo, palavras livres/radicais (raízes) e afixos.

⁶ Spencer (1991: 14). Exemplo traduzido e com inserção de negrito.

Spencer, A. 1991. *Morphological theory: an introduction to word structure in generative grammar*. Cambridge, Mass.: Basil Blackwell.

O trecho a seguir em ‘fonte calibri’ é um excerto de:

Oliveira (2010: 164-168)⁷ – as notas de rodapé tiveram suas numerações alteradas do original.

2.1.1.1. Clitização Pronominal no Português e nas Línguas Românicas

As gramáticas normativas apresentam os clíticos como “pronomes oblíquos”/ “pronomes átonos” – cf. Bechara (2006, p. 173-181).

Vejamos uma definição linguística para a categoria pronominal ‘clíticos’ – Trask (1993)⁸:

*“Um item que exhibe comportamento intermediário entre aquele de uma palavra e aquele de um afixo. Tipicamente, um clítico tem a forma fonológica de uma palavra separada, mas não pode receber acento e é obrigado a ocupar uma posição particular na sentença em que está fonologicamente atado a uma palavra adjacente a ele. Esta palavra recebe o nome de **palavra hóspede**. [...] Clíticos são, algumas vezes, divididos em **proclíticos**, que são atados a um hóspede que o segue [...], e em **enclíticos**, que são atados a um hóspede que o precede.”*

A definição nos permite relembrar um tópico de nossas gramáticas chamado de “colocação dos pronomes oblíquos átonos”/ “topologia pronominal”.

Quanto à topologia pronominal, nossas gramáticas falam de *próclise*, de *ênclise* e ainda de *mesóclise*. Vejamos definições e exemplos a seguir retirados de Nicola & Infante (1999)⁹:

(19) **Ênclise** – Ocorre quando o pronome átono está colocado depois do verbo que complementa. É, no português europeu, a colocação mais normal, como nos exemplos:

- a. Disseram-**me** a verdade
- b. Conheci-**os** há pouco
- c. A rapariga sentou-**se** à mesa

(20) **Próclise** – Ocorre quando o pronome átono está colocado antes do verbo que complementa. É a tendência do português brasileiro.

- a. Não **nos** disseram a verdade
- b. A moça **se** penteou
- c. Eu **te** prometo sinceridade absoluta

(21) **Mesóclise** – Ocorre com as formas verbais do futuro do presente e do futuro do pretérito, em que o pronome surge no interior do verbo:

- a. Dir-**se-ia** que tal construção é desusada no Brasil
- b. Contar-**me-ão** a verdade quando chegar lá

Pela definição e exemplos de *mesóclise* oferecidos em (21), na citação acima, chamamos a atenção para os seguintes aspectos:

⁷ Oliveira, Márcia S. D. de. 2010. *Análise sintática do português falado no Brasil*. Vol. 1. Rio de Janeiro: MULTIFOCO.

⁸ Trask (1993, p. 46-47, traduzido).

⁹ Nicola & Infante (1999, p. 206-207. Exemplos (a), (b), (c), renumerados).

- (i) o fenômeno descrito como *mesóclise* não é previsto linguisticamente. Em outras palavras, as descrições de línguas do mundo não atestam *clíticos* que aparecem em uma posição que divide a raiz de uma *palavra hóspede* de sua flexão, como apontado em (21a-b);
- (ii) a colocação *mesoclítica* descrita em nossas gramáticas é clara ao enfatizar que pronomes clíticos em português só correm atados a formas verbais no futuro do presente e do pretérito o que nos suscita a seguinte pergunta: “por que a posição mesoclítica só é atestada nestes tempos verbais?”

Embora a mesóclise esteja fora da gramática falada dos brasileiros, ela é ainda bem atestada na modalidade da língua escrita [...]. Nosso objetivo, portanto, é apontar para argumentações linguísticas claras que evidenciam que a posição mesoclítica do pronome átono em português não é um caso de colocação de pronome clítico no “interior do verbo” – pois como já apresentado, clíticos não têm a característica de se interporem entre a raiz/ radical de uma palavra e seu(s) afixo(s).

Observe, a seguir, a forma:

(22) *Amar-te-ei*

Em (22) temos claramente três morfemas: (i) *amar* (ii) *te* (iii) *-ei*. O morfema *-ei* é um “sufixo baú” que carrega as marcas de TEMPO, ASPECTO, MODO, PESSOA e NÚMERO do verbo *amar* (a raiz da palavra *amarei*); *te* é o pronome clítico acusativo (objetivo) – ver (10). O pronome clítico em português só ocorre nesta posição “medial” – entre a raiz do verbo e sua flexão – quando a flexão do verbo expressa *tempo futuro*. Este fato pode ser explicado por um processo de mudança linguística, descrito por Chagas (2002, p. 159):

O verbo haver também se gramaticalizou na formação do futuro do indicativo na Romênia ocidental, o que abrange a Itália, a França e a Península Ibérica. Em vez da forma latina amabo do futuro do indicativo (“amarei”), gradativamente ganhou espaço nas línguas românicas uma locução formada do verbo habeo e do infinitivo do verbo principal. Surge então a forma amare habeo. Inicialmente tínhamos aí duas palavras, mas com o passar do tempo elas se transformaram em uma única palavra. Isso é o que ocorreu plenamente no francês, no espanhol e no italiano, em que os dois elementos se soldaram de forma indissolúvel, produzindo, respectivamente, amerai, amare e ameró.”

A partir da informação acima de que o *tempo futuro* em línguas românicas, historicamente, era marcado por uma perífrase verbal (*verbo principal + haver flexionado no futuro*), vejamos um possível estágio do processo de marcação do tempo futuro em português por meio da expressão verbal vista em (22) – *amar-te-ei* – renumerada em:

(23)a. *Amar-te-ei*

b' Amar-**te**-ei

O objetivo em (23) é atestar que o que chamaríamos de *mesóclise* do **te** em (23a) seria, historicamente, uma forma *enclítica*, atada ao verbo principal *amar*. O verbo *haver* (auxiliar) carrega, neste momento da história das línguas românicas, as marcas de flexão do tempo futuro da perífrase verbal, como se vê em (23b). Um dos processos da mudança lingüística foi a perda de material morfológico da palavra ~~haverei~~ como se vê em (23b').

Chagas (2002), ao descrever o processo de mudança lingüística na marcação de futuro das línguas românicas ocidentais, o faz por meio da abordagem teórica conhecida como “gramaticalização”. Segundo esta teoria, a mudança lingüística pode ser explicada por uma gradação em que temos palavras independentes em um extremo da linha de um determinado tempo e morfemas flexionais em outro extremo. Abaixo, em (24), um exemplo de gradação da mudança apontada em (23b)-(23b'), renumerados em:

(24)a. Amar-**te** haverei

a'. Amar-**te**-ei

(25) gradação (>) de gramaticalidade do futuro em português¹⁰:

- elemento com conteúdo *haver* >
- palavra gramatical *haver* >
- clítico **ei*¹¹
- *afixo flexional -ei*

Em português, atestam-se duas formas de expressão do tempo futuro (na língua falada); essas formas co-ocorrem em variedades diferentes:

(26)a. português europeu (PE): *Amar-**te**-ia*

b. português brasileiro (PB): *eu vou **te** amar/ eu **te** amarei*

Em PE, a terminação **-ia** (26a) pode ser separada da raiz verbal por meio do clítico **te** “[...] o que indica que lá esse processo de “soldagem” dos dois elementos ainda não está terminado [...]” Chagas (2002, p. 159). Em PB:

[...] Esse tipo de futuro tem uso muito restrito no vernáculo e praticamente já foi substituído pela forma perifrástica com o verbo *ir* como auxiliar, ou seja, formas como *vou viajar* são muito mais comuns do que *viajarei*.

¹⁰ A “gradação” expressa em (20) é uma ‘construção’ da autora deste livro.

¹¹ O asterisco antes da forma **ei* visa a indicar que tal palavra é uma proposta de reconstrução histórica. Esta é uma prática de pesquisadores da *lingüística histórica*.

.....

- Voltemos aos dados (1)-(3), renumerados:

(4) Ele **me** viu no mercado ontem

(5) Eu **te** ajudo a terminar logo com isso

(6)a **Eu vi-o na rua** (PE)

b **Eu o vi na rua** (PB)

- Atente-se para a tese, apontada em pesquisas, de que o clítico de 3a. pessoa **o/a** (6b) não é mais produzido pela gramática dos brasileiros – ver Galves (2001, capítulos 7, 8). Logo, dados como (6b) são apreendidos, pelos brasileiros, via escolarização.
- Ainda, segundo Galves (2001: 139), em PB fica visível a ausência total de “[...] *seqüências de clíticos dativo + acusativo mo, to, lho* [...]”.

(7) – Márcia, concordas? Posso enviar-**lho** assim?¹²

- Outro fato importante a ser apontado com relação aos pronomes clíticos em PB, que os diferencia do PE, é a ordem. Segundo Pagotto (2007: 469):¹³

“[...] *não se tem notícia de dialetos populares que realizem a ênclise em sentenças simples.*”

- Esse fato de ordem dos clíticos pode ser observado no contraste entre as sentenças (6a-b) entre (PE), enclítico, e PB (proclítico).
- Em PB os clíticos se reduzem a **me/te/lhe/se/(nos)** (GALVES 2001 139).

- Outra diferença na distribuição dos clíticos no PB reside no pronome **lhe**. Para Galves (2001:128):

[...] Deve-se lembrar, inicialmente, que em PB ele passou a corresponder apenas ao caso oblíquo do pronome de “tratamento” você.

Vejamos um exemplo:

(7) Eu vou **lhe** ajudar a fazer isso

¹² Sentença retirada de email pessoal de uma pesquisadora portuguesa enviado a Marcia Oliveira em 26/10/2015.

¹³ Pagotto, Emílio Gozze. 2007. Crioulo sim, crioulo não – uma agenda de problemas. In Castilho, Ataliba Teixeira de; Maria Aparecida Torres de Moraes; Sonia Maria Lazzarini Cyrino; Lopes, R. E. V. (orgs.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. 461-482. Campinas, SP: Pontes/ FAPESP.

- No entanto, o que se convencionou chamar de “a expressão do dativo no português brasileiro” vem chamando a atenção de pesquisadores para além do caso atestado acima em (7).
- Dois processos importantes de mudança na expressão do complemento dativo em PB vêm sendo apontados na literatura:

[...] (i) *perda gradativa das formas clíticas de 3ª. pessoa lhe/lhes, as quais são substituídas ou pela forma preposicionada do complemento (a ele/eles/, a ela/elas) ou pela forma pronominal nula (cf. Berlink [...] 2005, entre outros); (ii) substituição da preposição a pela preposição para ou de com os verbos ditransitivos em que o argumento dativo é interpretado como meta/recipiente ou fonte/origem [...] (cf. [...] Torres Morais 2001 [...]).*

Torres Morais & Berlink (2007: 62,63)

- BREVE RESUMO SOBRE A PRONOMINALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL – SÉCULO XXI

Oliveira, Campos, Cecim, Lopes & Silva (2015: 158-159) – daqui em diante, Oliveira *et al* (2015).

A fim de cotejarmos a expressão pronominal de Jurussaca¹⁴ com a gramática do PVB e do PB, buscamos um quadro pronominal adaptado das gramáticas publicadas no Brasil recentemente (BAGNO, 2011; CASTILHO, 2010 e PERINI, 2010):^{15/16}

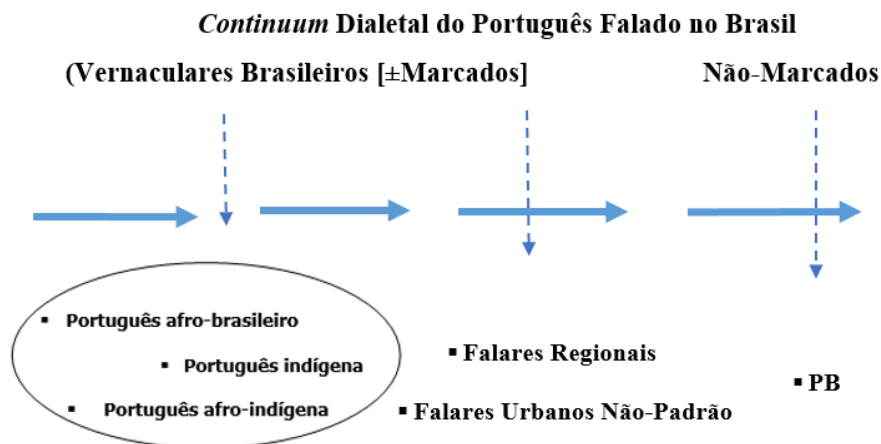
- Antes de apresentarmos os “quadros” de Oliveira *et al* (2015) com as variedades pronominais PB/PVB, é interessante apontar a proposta dos autores sobre o “continuum” do Português Falado no Brasil – Oliveira *et al* (2015: 156):

¹⁴ Sobre Jurussaca e outros dados sobre a pronominalização no norte do Brasil, em cotejo com o interior de Angola, ver Figueiredo & Oliveira (2013):

FIGUEIREDO, C. F. G.; OLIVEIRA, M. S. D. 2013. Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. *PAPIA*, 23(2). 105-185. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2078>. Acesso em 15 de maio de 2014.

¹⁵ Optamos por construir um quadro baseado nas gramáticas do PB contemporâneo (BAGNO, 2011; CASTILHO, 2012 e PERINI, 2010). Os termos [+/-monitorado] foram retirados de Bagno (2011, p. 746) para o PB. Bagno, no entanto, utiliza [+/-monitorado] apenas para a segunda pessoa. Nossa decisão ao apresentarmos dois quadros com base nos padrões de monitoramento para todas as pessoas gramaticais distingue-se da de Bagno, ainda que nem todas as ‘pessoas’ passem por variações relativamente ao uso. O pronome *eu*, por exemplo, não sofre variação em nenhum registro na função nominativa, mas, defendemos, a partir da intuição de dois dos autores desse trabalho, falantes das variedades do Rio de Janeiro e de Belém do Pará, que a expressão *a gente* é passível de variação de acordo com o traço [+/-monitoramento]. Sobre o comportamento binário do traço monitoramento, ainda é importante esclarecer que o consideramos apenas para o PB e o PVB. O *PAfroInd* é considerado por nós [-monitorado] em função de sua colocação no *continuum* de português (cf. Seção 2, (5)).

¹⁶ BAGNO, Marcos. 2011. Gramática pedagógica do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial.
CASTILHO, Ataliba. 2010. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto.
PERINI, Mário Alberto. 2010. Gramática do português brasileiro. São Paulo: Parábola.



- Para Oliveira *et al* (2015), a sigla PB para não é suficiente para abrigar todas as variedades de falares brasileiros, logo fica restrita à modalidade escrita da língua com aproximação da que é falada por pessoas de maior escolaridade – ver Campos (2014: 55).¹⁷

Quadro 1 – Variedades [+ Monitoradas] de PB/PVB

Pessoa	PB [+monitorado]			PVB [+monitorado]		
	Nom	Acus	Dat	Nom	Acus	Dat
1ª. sng	eu	me	(átono) me	eu	me	(átono) me
			(tônico) mim			(tônico) mim
2ª. sng	tu o senhor, a senhora	te lhe	(átono) te	tu você, *ocê, cê o senhor, a senhora	(átono) te lhe	(átono) te
			(tônico) ti prep + você o senhor, a senhora		(tônico) tu você	(tônico) ti prep+ você o senhor, a senhora
3ª. sng	ele, ela	o, a [Ø]	prep + ele, ela	ele, ela	ele, ela	prep + ele, ela
1ª. Plr	nós a gente	nos	(átono) nos	nós, a gente	nós	nós
			(tônico) prep + nós			
2ª. Plr	vocês	vocês	prep + vocês, os senhos, as senhoras	vocês	vocês	prep + vocês, os senhos, as senhoras
3ª. Plr	eles, elas	os, as	eles, elas	eles, elas	eles, elas	eles, elas

¹⁷ CAMPOS, E. A. 2014. *A sintaxe pronominal na variedade afro-indígena de Jurussaca: uma contribuição para o quadro da pronominalização do português falado no Brasil*. Tese de Doutorado: Universidade de São Paulo.

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-18032015-174310/en.php>

<http://www.novelaaregradojogo.com.br/2015/10/assistir-a-regra-do-jogo-20-10-online.html>

- No link acima, reveja cena de novela da TV Globo que apresenta fala do Rio de Janeiro atestando a alternância *tu/você* marcadora de “classes” e de áreas da cidade do Rio de Janeiro.

Quadro 2 – Variedades [-monitoradas] de PB/PVB/PAfroInd

Pessoa	PB [-Monitorado]			PB [-Monitorado]			PAfroInd		
	Nom	Acus	Dat	Nom	Acus	Dat	Nom	Acus	Dat
1ª sng	eu a gente	me	(átono) me	eu, a gente	me	(átono) me	eu a gente	me	(átono) me
			(tônico) mim			(tônico) mim			(tônico) mim
2ª sng	tu	te lhe	(átono) te	tu, você, ocê, cê senhor senhora	te	(átono) te	tu, você, ocê, cê senhor senhora	(átono) te lhe	(átono) te
	você, ocê, cê senhor senhora		(átono) ti			(tônico) ti		(tônico) você	(átono) ti
3ª sng	ele ela	ele, ela [Ø]	(tônico) ele, ela	ele, ela	ele, ela	ele, ela	ele, ela	ele, ela	ele ela
1ª plr	nós a gente	(átono) nos	(átono) nos	nós, a gente	nós, a gente	nós, a gente	nós a gente	(clítico) nós	(clítico) nós
		(tônico) a gente	(tônico) a gente					(tônico) nós a gente	(tônico) nós a gente
2ª plr	vocês, senhores senhoras	vocês, senhores senhoras	vocês, senhores senhoras	vocês, ocês, cês senhores senhoras	vocês, ocês, cês senhores senhoras	vocês, ocês, cês senhores senhoras	vocês, ocês, cês senhores senhoras	vocês, ocês, cês senhores senhoras	vocês, ocês, cês senhores senhoras
3ª plr	eles, elas	eles, elas	eles, elas	eles, elas, eis	eles, elas	eles, elas	eles, elas, eis	eles, elas	eles, elas